

O TREINADOR INFLUENCIANDO NA VIDA SOCIAL DOS ADOLESCENTES ATRAVÉS DO FUTSAL NA CIDADE DE SIDERÓPOLIS/SC

Celso Lúcio da Luz Neto

Bruno Dandolini Colombo (orientador)

RESUMO: Por conta de vários jogadores brasileiros iniciarem suas carreiras em escolinhas de futsal e obterem sucesso na transição para clubes de futebol de campo, o número de pais que procuram as escolinhas de futsal para matricular seus filhos tem crescido muito nos últimos anos. Encontrar essas escolinhas não é difícil, hoje muitas prefeituras disponibilizam de uma escolinha de futsal, com um professor capacitado e turmas de diferentes categorias. Por este motivo cresce o número de profissionais de educação física para esta área. Pela realidade de que o mundo do futebol é cercado por muitas dificuldades e incertezas, cabe a nós professores, entender que a maior parte dos alunos que passam pelas escolinhas não se tornarão um dia atletas profissionais, portanto, de alguma forma devemos interferir na vida deles para além do futsal. Tendo conhecimento disso, buscamos responder o seguinte problema de pesquisa: Qual a relação que o treinador de futsal tem com os adolescentes que os favorecem na interação com o meio social? E a vontade de entender melhor essas relações “extra treinos” dos treinadores para com seus atletas. Tivemos como objetivo principal conhecer de que forma os treinadores alertam seus alunos para a realidade/dificuldade do meio esportivo. A pesquisa foi de campo. O estudo teve como amostra treinadores das escolinhas de futsal da cidade de Siderópolis/SC. Foram aplicados dois questionários. Os dados foram obtidos através das respostas destes treinadores. Constatamos que, embora alguns desses treinadores não tiveram a preocupação de seus professores em sua iniciação, eles criaram essa atenção especial com os seus alunos. Também verificamos que todos professores têm a clara percepção de que a grande maioria de seus alunos não se tornarão atletas futuramente, assim, alertando-os sobre a importância de buscar os estudos, principalmente através do diálogo. Propomos, então, que os treinadores conversem mais sobre problemas e dificuldades de seus alunos, tanto entre eles (para própria interação do projeto), quanto com os pais das crianças, para que contribua no processo de formação destes seres humanos.

Palavras chave: Futsal; escolinhas de futsal; adolescentes; treinadores.

Abstract: Because of several Brazilian soccer players started their careers in little indoor soccer school and they get succeed in the transition to soccer clubs, the number of parents seeking the little indoor soccer school to enroll their children has increased nowadays. Finding these schools is not difficult, currently many municipalities provide a little indoor soccer school with a trained teacher and classes from different categories. For this reason, increase the number of physical education teachers for this area. By the reality that the world of soccer is replete by many difficulties and uncertainties, it is up to us teachers, understand that most of the students who pass through small schools do not will one day become professional athletes, so somehow we should positively affect the life them. Knowing this, we seek to answer the following research problem: What is the relationship that the soccer indoor coach has to teens who favor interaction with the social environment? And the desire to better understand these relationships "extra training" coaches to their athletes. We had as main objective to know how the coaches inform their students to the reality/difficulty of the sports field. The research was field. The study sampled coaches of little soccer indoor school in the city of Siderópolis / SC.

Two questionnaires were used. The data were obtained through the responses of these coaches. We found that, although some of these coaches were not the concern of teachers in their initiation, they created that special attention with their students. We also see that all teachers have the clear perception that the vast majority of students will not become athletes in the future, thus alerting them to the importance of seeking the studies, mainly through dialogue. So, we propose that the coaches talk more about problems and difficulties of his students, both between them (for their own interaction project), as with the children's parents, in order that to correct possible errors within the education training.

Keys words: soccer indoor; little soccer indoor school; teens; coach.

INTRODUÇÃO

A escolha do seguinte tema decorreu-se de nossas vivências em escolinhas de futsal. Ambos, orientador e orientando, mantem relação passional com o futsal. Descreveremos a seguir o percurso do orientando, de forma sucinta.

Quase que uma relação umbilical, mas sócio histórico, desde os sete anos de idade o orientando praticou este esporte, e por residir atrás de um ginásio, teve paixão pelo futsal. Em 2005, quando a UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense), em parceria com a Prefeitura de Siderópolis, trouxe uma equipe adulta de futsal para a cidade, vieram alguns atletas, profissionais dedicados e comprometidos para a cidade. Durante este período em que a equipe adulta competia na divisão especial do campeonato catarinense, houve a necessidade de formar uma equipe sub 20 para participar da mesma competição (havia uma regra na Federação Catarinense de Futsal que toda equipe adulta que participara da competição, por obrigação teria que colocar uma equipe também no campeonato catarinense Sub 20). Por conta disso, viu-se a necessidade de formar uma equipe com jovens da cidade, por responsabilidade do então atleta da equipe, Alexandre Correa dos Santos, o “Alê”. Comprometido em ensinar o esporte aos jovens da cidade.

Os treinamentos aconteciam após as 22 horas, três vezes por semana. Mesmo diante de tanta dificuldade e falta de apoio da Secretaria de Esportes na época (não haviam projetos sociais como há hoje), o treinador “Alê” ainda encontrava tempo para nos alertar sobre as dificuldades de se tornar um atleta profissional, sobre as frustrações que muitos jogadores sofrem e a importância da busca pelos estudos.

Diante desses fatos surgiu o seguinte problema de pesquisa: *Qual a influência do treinador de futsal na vida social dos adolescentes?*

Para Minayo (2004) “partindo da construção teórica do objeto de estudo, o campo torna-se um palco de interações entre pesquisador e grupos estudados, propiciando a criação de novos conhecimentos”.

Contudo, buscamos analisar a relação de treinadores de escolinhas de futsal da cidade de Siderópolis com seus alunos.

O futsal é um esporte derivado do futebol de campo, e é hoje considerado um dos três esportes mais populares no nosso país. Nos últimos anos conquistou lugar de destaque nos esportes de quadra, e praticado por milhões de pessoas em todos os continentes, tanto como forma de lazer, como de forma competitiva. (VOSER e GIUSTI, 2002)

Pelo motivo de vários jogadores brasileiros iniciarem suas carreiras em escolinhas de futsal e obterem sucesso na transição para clubes de futebol de campo (pois o futsal proporciona raciocínio rápido e maior habilidade), e também pela popularidade de um jogador chamado Alessandro Rosa Vieira, o Falcão (campeão inúmeras vezes pela seleção brasileira, e dono de recordes de gols e títulos nacionais e internacionais), o número de pais que procuram as escolinhas de futsal para matricular seus filhos tem crescido muito nos últimos anos. Encontrar essas escolinhas não é difícil, hoje muitas prefeituras disponibilizam de uma escolinha de futsal, com um professor capacitado e turmas de diferentes categorias. Por conta desta procura por profissionais capacitados para ensinar o futsal para estas crianças, também crescem o número de profissionais de educação física para esta área.

Neste mesmo parâmetro, encontramos eco em Mutti (2003), quando relata que para o progresso do futsal, necessitamos que professores, técnicos e treinadores se dediquem um tanto mais na busca de uma orientação segura, baseada nos preceitos da pedagogia moderna.

Neste estudo procuramos entender a relação entre treinador e alunos/atleta, e como esses professores podem melhorar de alguma forma, na vida social¹ destes alunos. Cabe a nós, professores, entender que a maior parte dos alunos que passam pelas escolinhas não se tornarão um dia atletas profissionais, portanto, de alguma forma devemos interferir positivamente na vida deles, seja o treinamento como forma de educá-las, ou como forma de fazê-los trabalhar em equipe, etc. Contudo, também trazer para os treinamentos aquelas crianças que carecem de habilidade com a bola, e fazer

¹ Sobre vida social nos referimos às preocupações para além do futsal, considerando os estudos, os interesses pelo ingresso a vida acadêmica e ao mundo do trabalho.

com que elas tenham prazer nas atividades e que se encaixam tanto quanto as outras crianças, não a excluindo do meio esportivo.

O professor de educação física é o especialista mais próximo dos atletas e que exerce influência no comportamento dos mesmos, por vezes é técnico, educador, conselheiro, estrategista e líder. (VOSER, 2003)

Destacamos a definição de REZER e SAAD (2005, p. 22),

Já que deveria estar superada a questão de que o espaço da aula de Educação Física tem por prerrogativa básica servir para a promoção e detecção de talentos, sob o risco de reproduzir ainda mais desigualdades sociais presentes. Talvez isso tenha resposta se percebemos que, em grande parte da sua trajetória, a Educação Física reproduziu/reproduz em suas aulas modelos esportivos baseados em princípios do esporte adulto de rendimento, acarretando assim uma reprodução de limitações, que sem dúvida se materializam no mundo infantil, evidenciando problemas no processo de entendimento sobre determinadas formas de manifestações esportivas, principalmente para os rotulados como “menos habilidosos”.

Com este pensamento, o Brasil não se tornou uma nação olímpica, como chegou a ser pretendido, e observamos um número bastante significativo de pessoas que não tem conhecimento ou hábito de jogar e praticar esportes e/ou atividades físicas em sua vida adulta, agindo então como meros espectadores. O interessante é perceber que muitas pessoas, de uma maneira geral, apreciam assistir transmissões esportivas ou mesmo presenciar jogos em ginásios ou estádios como forma de lazer, mas não possuem o hábito a prática destas modalidades. (REZER E SAAD)

Temos, portanto, como **objetivo geral**, analisar as diferentes formas que o treinador de futsal influencia seus alunos durante o treinamento e de que forma isso pode os favorecer em suas vivências sociais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentamos no primeiro capítulo a importância social do futsal, abordando brevemente o histórico deste esporte.

No segundo capítulo apontamos o adolescente em treinamento, seu desenvolvimento e sua iniciação no meio esportivo.

No terceiro capítulo apresentamos o treinador, sua metodologia de trabalho, e qual a influência dele na vida dos alunos/atletas.

O quarto capítulo discorre sobre o projeto social das escolinhas da cidade de Siderópolis, desde o seu início, até seus objetivos de integração social.

HISTÓRICO DO FUTSAL

O futebol de salão tem duas versões sobre o seu surgimento, e, tal como em outras modalidades desportivas, há divergências quanto a sua invenção. Há uma versão que o futebol de salão começou a ser jogado por volta de 1940 por frequentadores da Associação Cristã de Moços, em São Paulo. (MELO, 2006).

Há também a versão, tida como a mais provável, de que o futebol de salão foi inventado em 1934 na Associação Cristã de Moços de Montevideú, Uruguai, pelo professor Juan Carlos Ceriani, que chamou este novo esporte de “Indoor-foot-ball”. As primeiras regras publicadas foram editadas em 1956. As normas foram feitas por Luiz Gonzaga de Oliveira Fernandes, em São Paulo. Juan Carlos Ceriani e Habib Maphuz professores da ACM são considerados os pais do futebol de salão. Este esporte, relativamente novo, é sem nenhuma contestação a segunda modalidade esportiva mais popular no Brasil, somente atrás do futebol, e atualmente o esporte em maior crescimento em todo mundo. (CBFS, 2012).

Segundo Tenroller (2004), a prática da modalidade em nosso país começou a partir de meados de 1940 e não parou mais de crescer. Há estudos mostrando que em 1942 o futebol de salão, que antes era praticado pelas crianças, já contava com muitos adeptos entre os adultos. O processo de popularização foi muito rápido, seguindo, de forma compacta, o caminho de seu principal “irmão mais velho”, o futebol.

Atualmente, o Futsal é o esporte que possui o maior número de praticantes no Brasil. No mundo, são mais de 70 países que o praticam em quatro continentes, tendo como destaque a Rússia, Ucrânia, Paraguai, Bélgica, Argentina, Espanha, Portugal, Itália e Austrália, entre outros. (VOSER, 2003). Sendo assim, o futsal abrange praticantes de todas as faixas-etárias, tornando-se um dos esportes mais praticados por crianças e jovens em escolas e escolinhas da modalidade.

ADOLESCENTES EM TREINAMENTO

De acordo com Francke (2009) as crianças com idades menores podem, e devem participar de escolinhas esportivas, entretanto o trabalho realizado deve

desenvolver as habilidades propícias à idade da criança, com atividades que visam à integração social, o prazer pelo jogo, as não exigências de regras rígidas e a possibilidade do aumento do vocabulário motor, não são prejudiciais e ajudam na formação destas crianças.

Aos 10 anos (pré-adolescência) a criança apresenta traços individuais bem definidos, estando aberta às informações oriundas de seu ambiente. Mais interativa nos jogos em grupo, aumentando a capacidade de concentração, e melhorando noção de tempo e espaço, domínio das extremidades mais estruturado. Maior interesse por atividades que envolvem competição. Nesta idade a criança já tem sua lateralidade definida, porém é um ótimo período para incentivá-la na sua bilateralidade, ou seja, fazer a criança jogar também com a “perna ruim”, como dizem no futsal e no futebol de campo. (FERREIRA, 1994).

Dos 11 aos 12 anos é a idade de transição, onde a criança apresenta maior amadurecimento bio-psico-físico e social, exercendo maior participação no conjunto de atividade, tendo maior domínio sobre suas capacidades motoras, facilitando sua relação com as atividades desportivas em geral. Seus sentidos estão mais bem coordenadas em relação as respostas motoras, facilitando a execução de ações motoras bem mais complexas. (FERREIRA, 1994).

Respeitar as diferentes etapas de desenvolvimento da criança, conhecer seu perfil nas diferentes faixas etárias e estabelecer uma linha de ensino bem elaborada, fortalecem o aprendizado tornando-o seguro e duradouro (SCAGLIA, 1996).

Segundo Ferreira (1994), as técnicas individuais empregadas durante a prática do futsal, são fundamentalmente influenciadas pelos componentes de: equilíbrio, ritmo, coordenação em geral e espaço e tempo. Já alguns aspectos básicos devem ser observados no aprendizado do esporte: conhecimento do perfil da criança, desenvolvimento dos componentes motores básicos, procedimentos básicos de ensino e a linguagem didático-esportiva.

O conhecimento do perfil da criança possibilita a maior interação do professor com o aluno, pois conhecendo suas características de comportamento, limites e possibilidades, torna-se possível estabelecer uma linha de ensino adequada as possibilidades de realização da criança. Pode-se assim fortalecer na criança a capacidade de executar de forma plena, a combinação de todos os movimentos possíveis, específicos ou não, do esporte, pois através da aquisição de bons hábitos motores, e do domínio de técnicas elementares, é que se fundamenta progressivamente o

desenvolvimento técnico da criança. Ou seja, este é o momento ideal para a detecção e correção de possíveis vícios e atitudes incorretas, tanto no que corresponde ao fundamento do futsal (dominar a bola com a parte interior do pé, como no futebol de campo, por exemplo), como ao que corresponde a educação da criança (como o respeito ao técnico, saber ouvir e aceitar sugestões e críticas, etc). Nesta fase o trabalho deve ser bem intenso, mas sempre respeitando a individualidade biológica de cada atleta. (RAMOS E NEVES, 2008)

O TREINADOR

Procuramos aqui abordar principais aspectos, procedimentos, atitudes e obrigações, bem como a tomada de decisões daquele que é a razão maior deste estudo, sendo também, a nosso ver, a figura mais importante e com a maior responsabilidade em uma equipe de futsal. Quando se diz “figura mais importante”, não se refere como sendo a estrela maior do time, mas sim, aquele que é responsável por todas as tomadas de decisões durante toda a competição. Tanto no que diz respeito a parte técnica e tática, como no próprio comportamento dos seus jogadores. (VOSER, 2003).

Um das dessas funções que um profissional de educação pode desempenhar é o papel de técnico, que segundo Voser (2003), é o especialista mais próximo dos atletas e que exerce influência no comportamento dos mesmos, por vezes é técnico, educador, conselheiro, estrategista e líder. Ser treinador é uma função que constitui em si um permanente desafio e que exige um empenho pessoalmente gratificante. Zilles (1999 apud VOSER, 2003) também afirma que o treinador deve ser didático para saber planejar os seus treinamentos adaptados a idade de seus atletas e as qualidades por eles reveladas. Também relata que o treinador tem a função de comandar os treinos, dar preleção antes do jogo, comentários após/durante o jogo, se possível, estudos sobre possíveis adversários junto aos seus atletas em relação à disciplina dentro da quadra de jogo, supervisão junto aos seus auxiliares.

Ou seja, o treinador deve ter facilidade de comunicação e os princípios de reforço positivo para com seus atletas. Para alguns atletas o treinador é como a figura de um pai. Ele tem todos os comandos corretos para uma vitória, seja na quadra, como na vida. “O nosso trabalho tem a capacidade de mudar a vida das pessoas”. Contudo, tendo esse poder/responsabilidade nas mãos, nós treinadores devemos sempre dar o bom exemplo, seja dentro de quadra, nos treinamentos, e até mesmo em uma conversa “extra-

campo”, e devemos sempre saber como nos expressar, e como passar nosso conhecimento de forma que todos entendam, nos referimos ao fato de saber exatamente a maneira, o momento em que devemos nos dirigir aos jogadores, e principalmente como deveremos transmitir o que desejamos. (VOSER, 2003)

Não diferente em uma escolinha de futsal, o técnico deve observar que se uma criança não tem talento para o esporte, ela é capaz de aprender, e assim, desenvolver habilidades, são essas: o passe, a recepção, a condução de bola, o drible, o chute e a marcação (FERREIRA, 1994). Porém, mesmo com o treinamento contínuo, muitas delas não conseguem esta melhora. Por isso, cabe ao professor fazer com que essa criança aprenda algo daquele ambiente, seja um perfil de trabalho em equipe, e até mesmo desenvolver raciocínio lógico e rápido, situações que em quadra precisam ser resolvidas rápidas, passam para situações do dia-a-dia da criança, proporcionando a criança educação e espírito esportivo.

Por isso, cabe aos técnicos obter esse tipo de experiência, e identificar diferentes perfis e personalidades dentre as crianças que iremos trabalhar. Saberemos que aquilo que pode servir de incentivo para uns, pode não surtir o mesmo efeito para outros, e o que pode animar uns, pode desmotivar outros, visto que cada pessoa é psicológica e fisicamente diferente da outra.

O FUTSAL NA CIDADE DE SIDERÓPOLIS: Projeto Social Escolinhas de Siderópolis

Embasados no material didático (cartilha organizativa) do Projeto Social de Escolinhas de Siderópolis, disponibilizado pelo coordenador das Escolinhas Sergio Marcos Lopes, realizamos esse capítulo, com o objetivo de entender o projeto no qual os treinadores da nossa pesquisa estão envolvidos.

O projeto não visa somente o futsal, há também as modalidades de vôlei, futebol de campo, atletismo, xadrez, jiu jitsu, tênis de mesa, capoeira, além de escolas de música, em todas as categorias masculinas e femininas.

A Escolinha de Siderópolis iniciou suas atividades em 2011 e vem demonstrando toda sua competência e responsabilidade na parte social, visando a inclusão e socialização comunitária através do esporte. Nelas, jovens de 4 a 18 anos, são incentivados à prática desportiva.

A Associação Sideropolitana dos Amigos do Esporte (ASAME) é uma entidade não governamental, criada com o intuito de promover o esporte no município de Siderópolis. Ela em parceria com a UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense) e Prefeitura Municipal de Siderópolis por meio da Fundação Municipal de Esportes quem organiza e realiza a manutenção das escolinhas e do esporte amador da cidade.

O objetivo geral do projeto social é o de formar equipes de todas as modalidades apresentadas, capazes de representar a instituição e o município em competições a nível local e estadual. Visando o desenvolvimento integral do indivíduo, trabalhando a inclusão e a socialização comunitária através do esporte além de seu rendimento.

Os objetivos específicos são o de incentivar a prática de Esporte no ambiente do Município de Siderópolis e da Universidade e a divulgação dos mesmos. Além de vincular a UNESC às escolinhas, possibilitando a aplicação dos conhecimentos teóricos de forma prática (Educação Física, Fisioterapia, Medicina, Nutrição, Psicologia); Estabelecer parcerias com a iniciativa privada; com caráter de responsabilidade social nos núcleos de escolinhas proporcionando a formação de futuros atletas nos naipes masculinos e femininos; Incentivar a prática desportiva e o prazer de competir de forma saudável entre adolescentes, além de proporcionar a inclusão social dos mesmos.

Alguns projetos incentivados pelas escolinhas são o rendimento escolar exigido, a leitura no treinamento e palestras sobre higiene pessoal e meio ambiente. Além da reeducação alimentar nos treinamentos com o acompanhamento da nutricionista.

Tudo isso tem como objetivo final que através da prática esportiva sejam formados homens e mulheres para um futuro melhor, tanto para o município de Siderópolis, quanto para o Brasil.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Participaram do estudo todos os treinadores (04) de equipes e escolinhas de futsal masculino da cidade de Siderópolis.

Foram utilizados no estudo dois questionários:

O primeiro questionário intitulado de “Sessão 1- relação com o futsal”, teve o objetivo de conhecer os treinadores e seus métodos de trabalho. Entregamos esse questionário aos professores/treinadores das escolinhas de futsal da cidade de Siderópolis/SC. O questionário continha perguntas referentes ao histórico desses treinadores, tais quais: Você já foi atleta de futsal? Quais foram os motivos que o levaram a se tornar um técnico do esporte? Há quanto tempo você é técnico/professor de futsal? Dentre outras perguntas.

O segundo questionário, intitulado de “Sessão 2- o treinamento com os atletas/alunos” teve o objetivo de colher informações referente ao relacionamento do treinador com o atleta, se esta relação é extra quadra, e quais as preocupações do treinador com este extra quadra do seu aluno. As principais perguntas foram: Você considera boa a sua relação com os alunos? Você considera sua relação com seus alunos a mesma “dentro e fora de quadra”? Você alerta seus alunos sobre as dificuldades que encontrarão para se tornar atletas futuramente? Existe algum espaço/momento formativo, em que os alunos e o treinador conversam sobre o cotidiano de ambos, sem estar diretamente ligado ao futsal? E de que forma tudo isso acontece?

ANÁLISE DOS DADOS

Sobre o tempo em que são treinadores da modalidade, o profissional provisionado está a 15 anos na área, seguido pelo treinador com 14 anos de experiência e os outros dois com 08 e 05 anos respectivamente.

Dentre os quatro professores entrevistados, três deles são formados em educação física (Bacharelado), e um deles é provisionado na área do futsal.

Dos quatros entrevistados, três foram atletas desta modalidade. O que não foi atleta relata que sua motivação em se tornar um treinador de futsal foi a paixão pelo esporte.

Apenas um disse que não está realizando cursos no momento, porém ressalta a importância de uma formação continuada. Inclusive, aponta que pretende realizar estudos a partir do próximo ano.

Já na iniciação dos treinadores no esporte (tanto profissionalmente, quanto em escolinhas de futsal), houve um equilíbrio quanto à preocupação de seus treinadores para com a “extra quadra”. Em dois casos houveram métodos de trabalho visando a

socialização dos alunos, já nos outros dois os treinadores só visavam o rendimento esportivo.

Esta questão encontra eco em REZER E SAAD (2005), quando dizem que o esporte é utilizado muito mais como um fim em si mesmo do que como um meio educativo, sem levar em considerações os aspectos mais amplos que permeiam a prática esportiva e transcendem o caráter instrumental do esporte. Já que não raro nos deparamos com situações de treinamento de crianças para competições diversas, cujo objetivo maior se torna representar a escolinha, clube ou escola de forma vitoriosa.

Porém, apenas em um dos casos, o treinador não alertava sobre as dificuldades de se tornar um atleta profissional no futuro. Nos outros três, os entrevistados eram alertados sobre buscar os estudos para ter uma “garantia” caso não se tornassem atletas profissionais. Inclusive, um deles ressaltou:

“Os treinadores cobravam e alertavam sobre as dificuldades de ser um atleta profissional, que isso só dependia do próprio jogador, e que todos deveriam primeiro buscar os estudos, para ter uma garantia no futuro.”

Dois dos entrevistados responderam que não se espelham em seus antigos treinadores para suas vidas profissionais e sociais, já os outros dois seguem exemplos desses treinadores. Porém, um se espelha em treinadores já consagrados no esporte. O outro segue o exemplo de seus antigos treinadores para sua vida profissional, já para a vida social, o entrevistado diz que foi diferente:

“Os treinadores em que já trabalhei, eram poucos os que se preocupavam com a vida social do atleta.”

A idade dos alunos desses treinadores varia de 05 anos até os 18, separados por categorias de idade. E os treinos acontecem em média 03 vezes por semana com cada uma dessas categorias.

Todos os treinadores consideram boa sua relação com os alunos, tanto dentro quanto fora de quadra. Em três respostas encontramos a palavra “respeito”, o que ressalta a ética desses profissionais.

“Tenho uma relação de respeito dentro de quadra e de descontração fora.”

“...Pois estamos sempre interagindo e os deixando a vontade, com isso recebo o respeito do aluno.”

“...Pois o meu respeito para com eles é o mesmo dentro e fora dos treinamentos, o mesmo deles comigo.”

Os quatro professores alertam seus alunos sobre as dificuldades de se tornar um atleta futuramente com diálogos durante os treinamentos. Resposta esta que se choca com uma das respostas da pergunta 06 (seis), em que um dos treinadores não alertava o então aluno sobre essas dificuldades, porém, o treinador viu a necessidade de fazer este alerta para seus alunos. Inclusive, este respondeu:

“Por já ter passado por isso, procuro orientá-los nas atitudes que eles devem ter como atletas, mostrando as dificuldades de chegar lá, pois nem todos chegam, e eles tem que estar preparados para isso.”

Sobre a socialização dos alunos durante os treinamentos, todos procuram trabalhar o tema, porém, um deles respondeu que encontra dificuldade em fazê-lo, mas mesmo assim o faz. Diante desse problema, encontramos a melhor resposta em:

“Dentro dos trabalhos sociais a socialização é a principal meta, sendo o desempenho em seguida. Quem se socializa com mais facilidade conseguirá ter um rendimento melhor em qualquer área profissional. A característica do futsal ser coletivo já é um princípio da necessidade de socialização.”

Já em dois casos, o exemplo da melhor forma de socialização dos alunos, são durante os jogos e torneios internos.

“Os torneios internos que fazem a interação de todos os alunos do projeto.”

“Acontece principalmente durante os jogos, mostrando que nem sempre o melhor vence e que todos tem o mesmo valor dentro de um grupo.”

É preciso estimular o jogar com o outro de forma cooperativa, onde o adversário seja visto como parceiro que possibilita a realização do próprio jogo, não como inimigo a ser vencido ou aniquilado (VOLPATO, 2002). Na verdade, essa é uma das características que mais diferencia o jogo e o esporte de rendimento.

Aqui os treinadores encontraram certa dificuldade em responder. Três disseram que é difícil saber, pois esse acompanhamento é em um âmbito mais familiar. Um dos entrevistados respondeu que SIM, acha que seus alunos estão preparados para seguir outra carreira caso não se tornem atletas profissionais. Porém encontramos eco na resposta do treinador que diz que:

“Essa é uma questão que tem muita influência na estrutura familiar, alguns com certeza tem total consciência de que não seguirão carreira como atleta e outros, que é a maioria, têm o futsal como lazer e nem estão preocupados com qual profissão irão ter no futuro.”

Com isso, percebe-se que ainda é cedo para que esses alunos tenham certeza de que carreira irão seguir futuramente. Todos estão ali para “tentar a sorte” no esporte. Cabe aos professores alertarem sobre a importância dos estudos em suas vidas.

De acordo com dados do Jornal Zero Hora, 23 out. 2001. Dos 22 mil jogadores profissionais que atuam no Brasil, 10 mil estão sem emprego no momento. 1500 deles têm emprego o ano inteiro, 86,5% ganham até dois salários mínimos. No ano 2000, 09 clubes do interior do Rio Grande do Sul fecharam suas portas. O que leva a crer que a grande maioria dos jogadores de futebol vive em um mundo de incertezas e de inseguranças.

Neste momento encontramos divergências nas respostas dos treinadores. Mesmo participando todos do mesmo projeto, dois deles responderam que não há um momento formativo em que os alunos e o treinador conversam sobre o cotidiano de ambos, sem estar diretamente ligado ao esporte. Estes respondem que tal momento não acontece pela falta de tempo. Já os outros dois, responderam que acontece, porém de formas diferentes:

“Não de forma organizada, acontece após os treinamentos, é um momento em que os alunos conversam abertamente.”

“Acontece no momento da leitura, feito no início dos treinamentos. Cada aluno escolhe um assunto do seu gosto, o que visa que o aluno busque outros interesses além do futsal. Esse tema pode ser algo que ele queira para o seu futuro. A partir daí temos um dialogo mais aberto.”

Com estas considerações, destacamos as informações de REZER e SAAD (2005), quando se torna importante questionar sobre como oportunizar aos alunos diferentes atividades proporcionando situações que contribuam com o desenvolvimento dos alunos como indivíduos sociais.

Sobre o alerta aos responsáveis dos alunos sobre dificuldades ou problemas encontrados por eles durante os treinamentos também encontramos respostas adversas, apesar de todos fazerem parte do mesmo projeto. Dois deles responderam que os pais dos alunos muitas vezes não procuram os treinadores para saber como seus alunos estão nos treinamentos.

“Este contato está cada vez mais distante. Muitos desses responsáveis não procuram os treinadores.”

“Mantemos um contato bem aberto com a maioria dos pais. Mas alguns são complicados, por ignorância, ou relaxamento, pois não se importam muito com seus filhos.”

Já os outros dois treinadores responderam que este contato com os responsáveis pelos alunos é presente:

“Caso algum aluno apresente alguma alteração que analise preocupante e que mereça uma atenção especial, comunicamos o pai para uma conversa em particular.”

Todos responderam que avaliam as notas escolares de seus alunos e procuram saber sobre o comportamento dos mesmos durante as aulas. A própria coordenação do projeto recebe ligações da direção dos colégios para serem alertados sobre o desempenho dos alunos.

CONCLUSÃO

Após realizar a coleta de dados, obter informações sobre os treinadores e as suas respectivas relações com os alunos, constatamos que embora alguns desses treinadores não tiveram a preocupação de seus professores em sua iniciação, eles criaram essa atenção especial com os seus alunos. E que todos os professores tem a clara percepção de que a grande maioria de seus alunos não se tornarão atletas futuramente, assim, alertando-os sobre a importância de buscar os estudos, principalmente através do diálogo. Percebemos que não há um momento específico para que aluno e professor debatam questões pessoais, apesar de saberem da importância deste momento.

Ainda identificamos que o melhor momento para esta integração social treinador e aluno, acontece no momento da leitura (que faz parte do projeto social das escolinhas), pois neste momento os professores terão conhecimento sobre os gostos de seus alunos, sobre as questões que mais lhe chamam atenção além do esporte.

Propomos que os treinadores conversem mais sobre problemas e dificuldades de seus alunos, tanto entre eles (para própria interação do projeto), quanto com os pais das crianças, afim de que acompanhem a formação social de seus filhos e que se possível, constituam ambientes formativos (como o momento da leitura) em constante aproximação com as escolas destes. Como exemplo dessa aproximação, a partir do que se têm, sugerimos o selecionamento dos textos, para o *momento da leitura*,

por professores das escolas, contribuindo no processo educativo dos alunos do projeto, de forma ainda mais qualificada.

REFERÊNCIAS

CBFS. SITE OFICIAL DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTSAL. Disponível em: <<http://www.futsaldobrasil.com.br/2009/cbfs/index.php>>. Acessado em: 18/10/2014.

FERREIRA, Ricardo L. **Futsal e a iniciação**. Sprint, 1994

FRANCKE, Pedro Evandro. **A Iniciação Esportiva e a Especialização Precoce no Futebol**: Fatores de Crescimento ou de Exclusão? Revista Digital, Buenos Aires, ano 14, n.131, Abril 2009.

JORNAL ZERO HORA (2001). **Um drama social in Caderno de Esportes**. Porto Alegre, Edição de 23/10/2001.

MELO, Rogério; MELO, Leonardo. **Ensinando Futsal**. Editora Sprint, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 23. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MUTTI, Daniel. **Futsal: da iniciação ao alto nível**. 2ª ed. Editora Phorte. São Paulo, 2003.

RAMOS, Adamilton Mendes; NEVES, Ricardo Lira Rezende. A Iniciação Esportiva e a Especialização Precoce à Luz da Teoria da Complexidade – Notas Introdutórias. **Revista Pensar a Prática**, 11/1:1-8, jan./jul. 2008.

REZER, Ricardo; SAAD, Michel Angillo. **Futebol e futsal**: possibilidades e limitações da prática pedagógica em escolinhas. Chapecó: Argos, 2005.

SCAGLIA, A. J. Escolinha de Futebol: uma questão pedagógica. **Motriz**, Rio Claro, v. 2, n. 1, p.36-43, 07 jun. 1996.

SIDERÓPOLIS/SC. SITE PREFEITURA MUNICIPAL DE SIDERÓPOLIS/SC. Disponível em: <<http://www.sideropolis.sc.gov.br/>>. Acessado em: 18/11/2014.

TENROLLER, Carlos Alberto. **Futsal: Ensino e prática**. 1ª Ed. Editora da Ulbra. Canoas, 2004.

VOLPATO, Gildo (2002). **Jogo, brincadeira e brinquedo**. Usos e significados no contexto escolar e familiar. Florianópolis: Cidade Futura.

VOSER, R. C; GIUSTI, J. G.. **O Futsal e a escola: uma perspectiva pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002. VOSER, R. C. **Iniciação ao futsal: abordagem recreativa**. Canoas :Ulbra, 1999